



## ENTRE TAMBORES E DEVOÇÃO: EXPRESSÃO DE UM CATOLICISMO NEGRO NA AMAZÔNIA AMAPAENSE

**Between drums and devotion: expression of a black catholicism in Amapa-Amazon**

Alysson Brabo Antero<sup>1</sup>

### Resumo

Este trabalho se propôs a investigar expressões de religiosidades afro-brasileiras na Amazônia Amapaense. Para tanto, analisou-se uma manifestação cultural e religiosa ligada a população afrodescendente do Estado do Amapá, a saber, o Ciclo do Marabaixo. Assim, aliou-se pesquisa bibliográfica e de campo através do método etnográfico. Constatou-se, dessa forma, que o Marabaixo em Macapá, por reunir momentos lúdicos e religiosos como parte de um só ritual, não depender do aval da igreja para acontecer e imprimir, na devoção, elementos afro-brasileiros como o tambor, a dança, entre outros configura-se, como expressão do catolicismo negro na Amazônia. A relevância desse estudo está em reconhecer que traços da religiosidade afro-brasileira não se restringem às religiões de terreiro, como também, em valorizar o legado da população afrodescendente na religiosidade da população do estado do Amapá e de ampliar o conhecimento disponível sobre expressões de religiosidade afro-católica na Amazônia.

**Palavras-chave:** Religiosidade; Marabaixo; Catolicismo Negro.

### Abstract

This work aims to investigate expressions of Afro-Brazilian religiosity in Amapa-Amazon. For that, a cultural and religious manifestation related to the afrodescendant population of the State of Amapa was analyzed, namely, the Marabaixo Circuit. Thus, allied bibliographic and field research through the ethnographic method. It was thus found that the Marabaixo in Macapa, for bringing together ludic and religious moments as part of a single ritual, did not depend on the approval of the church to happen and print, in devotion, Afro-Brazilian elements such as the drum, the dance, among others, is an expression of black Catholicism in the Amazon. The relevance of this study is to recognize that traces of Afro-Brazilian religiosity are not restricted to stage religions, but also to value the legacy of the Afro-descendant population in the religiosity of the population of the State of Amapa and to increase the available knowledge about expressions of religiosity Afro-Catholic in the Amazon.

**Keywords:** Religiosity; Marabaixo; Black Catholicism.

### Introdução

No imaginário nacional brasileiro, o Amapá ainda é percebido como um lugar onde a população é predominantemente indígena. Embasado em estudos de Vicente Salles (1971) so-

---

<sup>1</sup> Mestre em Ciências da Religião pelo Programa de Pós-Graduação em Ciências da Religião da Universidade do Estado do Pará – UEPA. Professor da rede pública estadual do Amapá. E-mail: [alysson.edu@gmail.com](mailto:alysson.edu@gmail.com)



bre a presença negra na Amazônia, cumpre considerar que o negro também fez e continua fazendo parte da composição étnica do Estado e sua contribuição está para além da simples ocupação territorial e emprego, como mão de obra escrava em trabalhos árduos e pesados.

Com o objetivo de estudar as expressões de religiosidades afro-brasileira, investigou-se uma manifestação cultural e religiosa ligada a população afrodescendente do Estado do Amapá conhecida como Ciclo do Marabaixo.

Além de uma intensa pesquisa bibliográfica, o método utilizado para a realização do trabalho foi o etnográfico. Entre as técnicas usadas na etnografia, destacamos a observação participante, entrevistas semiestruturadas com sujeitos protagonistas do festejo e o diário de anotações.

As ações em campo ocorreram no ano de 2014, ao longo de seis meses, abrangendo desde os preparativos, à execução e o pós-festejo. O *locus* da pesquisa foi em um dos lugares de Macapá onde o Ciclo do Marabaixo acontece todos os anos, no bairro Santa Rita, chamados pelos mais antigos de bairro da Favela, especificamente, o Grupo Berço do Marabaixo. Diante dessas delimitações, o foco deste trabalho recai numa festa localizada em um tempo e espaço específico.

O festejo do Marabaixo de modo explícito ou implícito, carrega em seu bojo um conjunto de elementos, símbolos e performances que o ligam à religiosidade católico-romana e afro-brasileira, ao mesmo tempo (ANTERO, 2017).

Entretanto, seus agentes se dizem bons católicos. Acredita-se que tal afirmação não está sendo usada como máscara ou um disfarce, muito menos os marabaixeiros estão errados por não mencionarem que tocam tambores, dançam e eventualmente presenciaram performances de possessão. Tais eventos estão inseridos na crença e na prática do catolicismo negro que praticam.

Diante disso, o presente estudo torna-se relevante por analisar que o estudo da religiosidade afro-brasileira não se restringe às religiões de terreiro. Valoriza-se, também, neste estudo, a contribuição da população afrodescendente na religiosidade da população do Estado do Amapá e, ao mesmo tempo, amplia o conhecimento disponível sobre expressões de catolicismo negro na Amazônia.



## **Amapá: dimensões históricas, geográficas e religiosas**

O Estado do Amapá, antigo e atual território de diversos povos indígenas foi chamado pelos primeiros colonizadores portugueses de Terras dos Tucujus, em virtude da grande presença de índios dessa etnia (SANTOS, 1994). Hoje, esse grupo não existe mais, se extinguiu em 1758, provavelmente em decorrência do contato com os não índios. (AMAPÁ, 2013).

Não obstante, conforme expressa o professor Rafael dos Anjos (*apud* Videira, 2009), no imaginário nacional brasileiro, o Amapá ainda é percebido como um lugar onde a população é predominantemente indígena pelo fato de estar localizado na Região Norte, em plena floresta Amazônica, e de possuir oito terras indígenas, com suas áreas demarcadas e uma ampla presença de etnias espalhadas por todo seu território, reforçando, dessa maneira, a ideia de predominância indígena (IBGE, 2015).

Por outro lado, cumpre considerar, que o negro fez e continua fazendo parte da composição étnica desse Estado. Embora só recentemente sua influência passou a ser reconhecida na formação da identidade, da cultura e na maneira de vivenciar as crenças dos amapaenses (LUNA, 2008; VIDEIRA, 2009; JACKSON, 2014).

Para alguns pesquisadores a presença de europeus na região Amazônica já ocorria desde o século XV (SANTOS, 1994; SOARES e RODRIGUES, 2011). No entanto, o processo de ocupação das terras do Amapá, enquanto estratégia de Portugal, só começou a se efetivar na segunda metade do século XVIII, ante o litígio com algumas nações europeias pela posse das terras do “Novo Mundo”. O Governo Português estabeleceu um amplo plano de ocupação, expansão e colonização de suas posses, visando, entre outros objetivos, conter o avanço de outras nações sobre seu território (LUNA, 2011).

Seguindo tal projeto, conforme o território dos Tucujus ia sendo ocupado pelos europeus, sobretudo pelos portugueses, coube às missões religiosas a tarefa de apaziguar, converter e catequizar os índios, tornando-os mão-de-obra para o plano de ocupação do território. Concomitantemente a isso, com os colonos, chegavam levas de negros provenientes de diversas etnias, trazidos de outras províncias brasileiras como Pará, Maranhão, Rio de Janeiro e mais tarde de colônias portuguesas estabelecidas na África para dar sustentação ao programa de ocupação e desenvolvimento da região empreendido pelo governo português (MONTORIL, 2004).



Segundo Luna (2009), como os índios rejeitavam a condição de submissão que o projeto de povoamento português previa, a vinda de africanos para as terras do Amapá foi intensificada. Data desse período, no século XVIII em diante, a formação de inúmeros quilombos no vasto território amapaense, o que demonstra que os negros também não acatavam a servidão e os maus tratos impostos pelos colonos portugueses (SALLES *apud* LUNA, 2009).

Atualmente no Amapá, há quatro comunidades que possuem título de Quilombo, 27 possuem certidões de autorreconhecimento emitidas pela Fundação Cultural Palmares e quase uma centena de áreas já foram identificadas como remanescentes de quilombo (JACKSON, 2014, p. 76).

O colonizador português, movido por ideários militares e econômicos de ocupação e exploração do território do Amapá, ao mesmo tempo em que impôs sua visão de mundo retratado na língua, na cultura e na religião, tratou índios e negros como coisas, menosprezando seus saberes, costumes e crenças. Em meio a esse processo, o contato interétnico de negros de diferentes grupos étnicos e nações com o nativo e com o europeu foi forjando, não sem conflito, “o edifício social da Amazônia” (SALLES, 1971, p. 80).

Atualmente, segundo dados do Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística, a população estimada para o Estado do Amapá se aproxima dos 800 mil habitantes distribuídos em dezesseis municípios (IBGE, 2017).

Geograficamente, o Amapá está localizado no extremo norte do Brasil e é o único Estado da Federação que não é interligado com os demais por via terrestre. O Amapá, em seus limites territoriais, ao noroeste, faz divisa com a Guiana Francesa e Suriname, ao sudoeste com o Estado do Pará. No Nordeste é banhado pelo Oceano Atlântico e no Sudeste pelo rio Amazonas. Para se chegar ao Amapá existem duas opções: aérea e fluvial (figura 1).

Em relação ao campo religioso, entre as manifestações religiosas de maior expressão no Estado do Amapá estão: o Círio de Nazaré (na cidade de Macapá), a Festa de São Tiago (no município de Mazagão), a Festa de São Joaquim (no quilombo do Curiaú) e o Marabaixo que acontece em Macapá, Mazagão e em várias comunidades remanescentes de quilombos espalhadas por todo o Estado.



**Figura 1** – Mapa do Estado do Amapá e suas fronteiras



Fonte: [www.apolo11.com](http://www.apolo11.com)

Em Macapá, desde o ano de 1934, no segundo domingo de outubro, é realizado o Círio de Nazaré. Nessa ocasião, milhares de pessoas saem às ruas para acompanhar e ver a imagem da santa ser conduzida até a Igreja de São José. O fato de Macapá ter como padroeiro São José, não impede que a população demonstre sua fé e devoção à Virgem de Nazaré.

Outra homenagem ligada a santos da Igreja Católica, ocorre no município de Mazagão, distante de 34 km de Macapá. Hoje o referido município se divide em Mazagão Velho e Mazagão Novo. A festa em homenagem a São Tiago ocorre, em Mazagão Velho, no mês de julho durante uma semana. A programação se distribui em vários dias com missas e encenações teatrais ao ar livre. Um dos pontos altos das homenagens ao santo é a encenação de uma batalha ocorrida no continente africano entre mouros e cristãos.

O festejo a São Tiago é considerado a manifestação católica mais antiga do Amapá, pois teria surgido quando as famílias portuguesas foram trazidas de Mazagão, da África, para as terras amapaenses, no século XVIII. Aqui, os colonos continuaram os festejos em homenagem



ao santo, tal como era realizado no continente africano. O evento é a comprovação da herança do passado português no Amapá (BOYER, 2008).

A Festa de São Joaquim, padroeiro do Quilombo do Curiaú, acontece de 9 a 18 de agosto. Tal festejo “se constitui de celebrações afro-religiosas: ladainhas, folias, pagamentos de promessas, missa e ‘cortejo afrodescendente’ e da brincadeira: dança, matança de boi, preparação e degustação de comida, a aurora e a alvorada” (VIDEIRA, 2013, p. 192).

Segundo Videira (2013) o batuque ou brincadeira de São Joaquim representa um dos componentes da ancestralidade afro-amapaense e valoriza a identidade étnica quilombola dos curiaueses. O Curiaú foi o primeiro quilombo reconhecido do Estado do Amapá (1999) e está distante a 8 km da área urbana de Macapá (JACKSON, 2014).

Outro movimento religioso, que não deixa de ter ligação com o catolicismo, é o objeto de estudo desse artigo, o Ciclo do Marabaixo. Será explicado melhor do que se trata essa manifestação mais adiante.

Além dessas manifestações religiosas que acontecem no Estado do Amapá, em diferentes datas e locais, importante registrar que existem outros movimentos que, mesmo não possuindo a dimensão dos eventos anteriormente versados, aos poucos conquistam seu espaço, reconfigurando o campo religioso principalmente na capital.

Entre as manifestações religiosas incipientes em Macapá, podemos citar a “Marcha para Jesus”. Evento de cunho cristão e “interdenominacional” que é realizado no mês de novembro. Nas últimas edições o evento passou a contar com o apoio do Governo do Estado e a receber cobertura da mídia local, colocando em evidência o segmento evangélico.

A Caminhada das Bandeiras de Matriz Africana é outra manifestação religiosa que vem ganhando visibilidade em Macapá, colocando em destaque as religiões afro-brasileiras. O evento vem sendo realizado desde 2016, sempre no dia 21 de janeiro, e integra as comemorações ao Dia Nacional de Combate à Intolerância Religiosa, instituído pela Lei nº 11.635, de 27 de dezembro de 2007.

Há, ainda, outras práticas religiosas que apesar de não constituírem religiões, influenciam a vida da população. A pajelança, as benzedeadas e as inúmeras festas de santos que, mesmo com toda exterioridade católica, na prática, acontecem à revelia do controle eclesiástico, predominando nessas festividades características da religiosidade à brasileira.



## Descrição do Ciclo do Marabaixo por estudiosos e nativos

Um dos primeiros estudiosos a discorrer sobre o Marabaixo foi o maranhense Nunes Pereira. Em suas pesquisas pela Amazônia em meados do século XX, relata a ocorrência do Marabaixo no Estado do Amapá e no Amazonas. Neste último, o festejo ocorria em uma pequena localidade conhecida pelo nome de Marabitanas, que atualmente faz parte do município de São Gabriel da Cachoeira, localizado na região da tríplice fronteira: Brasil, Colômbia e Venezuela (PEREIRA, 1989).

Esse registro demonstra que o Marabaixo foi uma manifestação que se desenvolveu na Amazônia, porém, no Amapá, consegue sobreviver e ganhar uma visibilidade maior do que no Amazonas.

Por ser uma manifestação complexa o Marabaixo pode e deve ser abordado, estudado e interpretado por meio de perspectivas múltiplas e complementares. Nunes Pereira (1989) descreve o Marabaixo como uma tradição com movimento e colorido das procissões católicas, mas, ao mesmo tempo, apresenta aspectos, como a possessão, que o assemelha a alguns cultos afro-brasileiros e suas danças e músicas lembram o frevo em Pernambuco e as marchinhas de carnaval no Rio de Janeiro.

Fernando Canto (1998) expõe o Marabaixo como um movimento de resistência afro-descendente que lutou para não perder suas tradições em meio às ações de controle e, em alguns momentos, de combate declarado da igreja contra a cultura popular.

Nilson Montoril (2004) apresenta o Marabaixo como um lugar, um espaço onde o negro conseguiu manter suas crenças e costumes sob o “disfarce” de estarem ritualizando tradições do catolicismo.

Decleoma Pereira (2008) expõe o Marabaixo como uma dança acompanhada ao som de caixas, sempre associada a algum santo de tradição católica.

Piedade Videira (2009) o define como uma dança afro-religiosa de cortejo afrodescendente que vem se notabilizando como uma das maiores manifestações de matriz africana no Estado do Amapá.

Para Wanda Lima (2011) o Marabaixo representa umas das principais tradições culturais do Estado do Amapá.



Os que participam do festejo dão o seu próprio significado a ele: “Marabaixo é vida, é luta, é esperança, é alegria”; “Marabaixo é uma tradição, assim como o batuque que vai ficando de filho para neto”; “Marabaixo é relembra-los nossos ancestrais que viveram momentos áureos aqui em nossa Macapá e contribuíram para o engrandecimento da cultura do Estado do Amapá” (AZEVEDO, 2008, DVD).

Percebe-se nos depoimentos dos marabaixeiros que o significado atribuído ao Marabaixo é vivido, faz lembrar, traz esperança e é descrito como tradição herdada de antepassados.

Neste artigo, o Marabaixo será concebido como uma manifestação religiosa complexa, ligada à população afrodescendente do Amapá, que reúne um conjunto de práticas ritualísticas em homenagem a santos da tradição católico-romana, realizadas no município de Macapá, Mazagão, além de várias comunidades remanescentes de quilombos do Estado.

No município de Macapá inseriu-se o termo Ciclo, devido o evento acontecer anualmente, paralelo ao calendário pascal da Igreja Católica e também em várias etapas, ao longo de aproximadamente dois meses. Em seu período festivo, intercala momentos lúdicos: Rodas de Marabaixos (danças) embaladas ao som de caixas e Ladrões<sup>2</sup> de Marabaixo, bailes dançantes e religiosos com missa, corte e levantamento de mastros, novenas, ladainhas, cortejos pelas ruas onde o evento é realizado e termina com o Domingo do Senhor, último dia do evento.

Atualmente, o Ciclo do Marabaixo em Macapá é realizado em cinco pontos diferentes e mais na comunidade rural de Campina Grande, distante 21 km de Macapá. Em cada local é coordenado por um grupo específico, conforme tabela abaixo:

**Tabela 1** – Locais de realização e grupos

Bairro/Comunidade	Grupo	Santo homenageado
Julião Ramos	Raimundo Ladislau	Divino Espírito Santo e Santíssima Trindade
Jesus de Nazaré	Grupo do Pavão	Divino Espírito Santo e Santíssima Trindade
Santa Rita	Berço do Marabaixo	Santíssima Trindade
Santa Rita	Azebic	Santíssima Trindade
Central	Raízes da Favela	Santíssima Trindade
Campina Grande	União Folclórica Casa Grande	São Benedito

<sup>2</sup> Versos “roubados” das histórias e dramas da vida real da comunidade que viram canções.



## **Entre tambores e devoção: expressão de um catolicismo negro na Amazônia Amapaense**

Ao decidir pesquisar sobre o Marabaixo, tinha-se por meta visualizar a aproximação dessa manifestação com as religiões de terreiros, pelo viés da possessão, conforme observou Pereira (1989). Entretanto, após intensa pesquisa de campo e leitura de novos autores, entendeu-se que o Marabaixo poderia ser interpretado dentro da categoria de análise do “catolicismo negro” (SOUZA, 2002; 2005; 2012; OLIVEIRA, 2008, 2012).

Para estes autores, estudar a religiosidade afro-brasileira não se restringe às religiões de terreiros. Inclui também o catolicismo exercido pelos afrodescendentes dentro das irmandades religiosas e festas de santos.

A presença de tradições africanas em manifestações religiosas existentes no Brasil não está apenas nas chamadas religiões afro-brasileiras, mas também em formas particulares de exercer o catolicismo, que antes de aportar na América foi introduzido na África (SOUZA, 2012, p. 207).

No Brasil, as estruturas das irmandades e folgedos ajudaram a agrupar diferentes grupos étnicos e, ao mesmo tempo, foram essenciais na construção de novas identidades com bases em pertencças religiosas (OLIVEIRA, 2012).

Segundo Antero (2013), o Ciclo do Marabaixo em Macapá, mesmo com toda a exterioridade católico-romana, possui inúmeros aspectos que o associam às religiões afro-brasileiras. A pesquisa de campo confirmou essa assertiva ao se perceber que o festejo mantém um conjunto de elementos, símbolos e performances que o ligam à religiosidade católica, como missa, santo, ladainha, devoção, entre outros e, ao mesmo tempo, afrodescendente, como dança, rufar dos tambores e eventualmente performance de possessão, entre outros.

Qual identidade religiosa prevalece nesse jogo de interação? Os atores sociais do Marabaixo se auto-identificam como católicos ou afro-religiosos? A identidade buscada durante o festejo é terreiro ou igreja? Para dar respostas a essas indagações analisou-se o Ciclo do Marabaixo sob dois véis: tambor e devoção.

Após participar dos momentos ritualísticos do Ciclo do Marabaixo 2014, realizado pela Associação Berço do Marabaixo, foi possível perceber que alguns elementos estão presentes



em praticamente todos os eventos e outros compõem determinados rituais. De todos, priorizou-se para analisar dois, por considerar que eles se encaixam na interpretação de Turner (2005), para o qual todo ritual é composto por símbolos “dominantes” e “instruturais”, ou seja, em cada ritual há o símbolo principal, o mais importante, o que emociona, o que gera a ação, o que tem um fim em si mesmo e os estruturais, que são os que não têm um fim em si mesmo, antes, têm a função de abrir o caminho, dar as condições para o símbolo dominante aparecer.

Diante dessas considerações, classificou-se no Ciclo do Marabaixo, como símbolo dominante, o santo homenageado em suas várias representações e, como símbolo estruturante, o tambor, chamado de caixa de Marabaixo.

Em detrimento a origem histórica do Marabaixo em Macapá, a festividade no bairro de Santa Rita começou na segunda metade do século XX, a partir de um mito fundante, sustentado sobre o tripé: promessa, milagre e cumprimento. Desde então, as homenagens à Santíssima Trindade dos Inocentes vêm acontecendo e mobilizando famílias, amigos e a comunidade afro-descendente a qual através de missa, ladainhas e ao som do rufar das caixas de Marabaixo agradecem ao santo por favores alcançados ou simplesmente revivem nos rituais o mito fundante.

Sobre isso, Croato (2010) diz que o transcendente é por essência inalcançável e inobje-tável, e precisa de uma mediação para ser percebido, afinal, “o mistério é percebível no nível da mediação” (p.83). A Santíssima Trindade no Ciclo do Marabaixo é representada por uma coroa que tem uma pomba em sua parte superior. Essa coroa estabelece a mediação da divindade com os participantes do festejo. A imagem do santo assume a função de mediar e comunicar a presença do transcendente durante a festividade.

Enquanto símbolo “sênior”, isto é, dominante, a imagem da Santíssima Trindade exerce as mesmas funções que Turner (2005) descreveu sobre a Árvore Mundy, durante o ritual de iniciação da puberdade das meninas entre os Ndembu, no continente Africano.

Os símbolos dominantes tendem a se tornar focos de interação. Os grupos mobilizam-se ao seu redor, cultuam-nos, desempenham outras atividades simbólicas perto deles, e acrescentam-lhes outros objetos simbólicos, frequentemente para formar santuários compostos (p.52).



Praticamente todos os momentos ritualísticos do Ciclo do Marabaixo ocorrem diante da imagem da Santíssima Trindade, entre elas, as rodas de Marabaixo, novenas e procissões.

A devoção ao santo é sem dúvida um dos elementos principais que liga o festejo ao catolicismo. Esse vínculo é reforçado ao se visualizar e ler o folder de divulgação do Ciclo do Marabaixo de 2014, do grupo Berço do Marabaixo, no qual os traços religiosos, sobretudo, os que aproximam da religião culturalmente aceita na sociedade, a religião católica, são acentuados.

A parte frontal do folder traz a imagem do santo homenageado, a Santíssima Trindade. Esse é sem dúvida um dos símbolos mais expressivo da festividade que liga, identifica e aproxima o evento da religião católica. Ao lado da imagem está a foto de Loren Costa. Quando criança, esta adolescente sofreu trágico acidente. Tal incidente, fez com que sua mãe realizasse uma promessa, cumprida dezessete anos depois no Ciclo do Marabaixo 2014.

**Figura 2** – Folder de divulgação do Ciclo do Marabaixo da Favela 2014.



**Fonte:** Alysson Antero (2014)



No texto de apresentação do folder, a Presidente do Berço do Marabaixo, Marilda Costa, expõe um discurso afinado com o movimento negro e com as ideias de alguns intelectuais e estudiosos da questão negra no Amapá, que visualizam no Marabaixo uma das mais “expressivas manifestações culturais” desse Estado. Marilda trata o evento como um movimento sincrético, fundamentado nos “valores religiosos cristãos”.

Vê-se, dessa forma, que do ponto de vista religioso, prevalece nas imagens e no discurso expressões da tradição cristã-católica. Entretanto, sua execução possui elementos que o associam às religiões de matriz africana, mas são eclipsados diante dos símbolos e expressões da religião católica.

Com relação aos tambores ou caixas de Marabaixo, apesar de serem reconhecidas como símbolos indeníveis (JACKSON, 2014) e estabelecerem fortes aproximações com as religiões de terreiro (ANTERO, 2017), durante a festividade de Marabaixo, os toques das caixas têm a função de proporcionar o ritmo dos ladrões em louvação à Santíssima Trindade, a exemplo do seguinte excerto: “A gente tem as nossas músicas de louvor à Santíssima Trindade e o tambor é exatamente pra acompanhar”, afirma Marilda Costa, em entrevista concedida no dia 20 de junho de 2014.

As caixas de Marabaixo, por sua vez, são tocadas essencialmente por homens, entretanto, em algumas etapas já é possível ver mulheres tocando. As caixas são feitas de tronco de árvores ou pedaços de madeira oca, revestidas com couro de animais ou lona. Ficam à altura da cintura, penduradas por um suporte que passa por um dos ombros do tocador. As batidas são tiradas por meio de duas varetas.

Os toques dos tambores ditam o ritmo e a cadência dos ladrões e estão praticamente presentes em quase todas as etapas do festejo, no entanto, não se configuram como símbolos dominantes, antes, possuem características dos símbolos instrumentais, pois são mecanismos para se alcançar certos objetivos. Dessa forma, o tambor presente no Ciclo do Marabaixo, configuram-se como símbolo instrumental e o seu toque faz com que o festejo se assemelhe às religiões de terreiro.

Diante disso, entre tambores e devoção, qual a identidade religiosa assumida pelos marabaixeiros? Os agentes sociais do Marabaixo são na sua maioria pessoas negras e pardas e que se auto identificam como afrodescendentes. Assumir-se afro-brasileiro em uma sociedade que



nutre um racismo velado, sem dúvida não é fácil. Pela pigmentação de suas peles, os marabaixeiros recebem um tratamento diferenciado.

Reconhecer que o Ciclo do Marabaixo de alguma maneira compõe as religiões afro-brasileiras significaria aumentar, sobre os mesmos, a carga de discriminação, pois, mesmo com todos os avanços, os afro-religiosos ainda sofrem perseguições de diferentes segmentos religiosos. E não custa lembrar que, na verdade, essas religiões “enfrentam ‘guerras santas’ e políticas de extermínio cultural desde o primeiro momento em que aportaram no Brasil” (CORDOVIL, 2012, p. 13).

Pretender vincular-se à religião hegemônica e culturalmente aceita, não é nenhum erro e, muito menos, desmerecer as religiões afro-brasileiras. Até porque, conforme foi visto, traços da religiosidade negra não são exclusivos dos terreiros ou das chamadas religiões afro-brasileiras.

Os agentes do Marabaixo, ao assumirem-se como católicos e buscarem aproximação com a igreja, não significa dizer que estão usando essa religião como máscara ou um disfarce. Pelo contrário, estão de fato, a seus moldes, assumindo todas as vantagens dessa auto identificação.

O toque dos tambores no Ciclo do Marabaixo é um elemento que remete o festejo às religiosas de origem africana. Porém, o rufar das caixas, não está na festividade competindo com os elementos eurodescendentes, pelo contrário, todos coexistem dentro de um mesmo panorama, construído para homenagear um determinado santo.

Cumprido considerar que estudos recentes dão conta de que a ligação do catolicismo com elementos afro-religiosos “podiam estar em curso antes mesmo da escravização e da travessia do Atlântico” (SOUZA, 2002, p. 145).

Por todo esse cenário, julga-se que o Ciclo do Marabaixo possui características essenciais que o identifica com a categoria de catolicismo negro, a saber: 1) congrega em seus momentos ritualísticos elemento lúdicos e religiosos, coexistindo como parte de um só ritual (SOUZA, 2002); 2) constitui espaço de culto e reuniões mais ou menos autônomas, livres e independentes dos sistemas de controle eclesiástico (BASTIDE, apud REINALDO, 2009); 3) e mais decisivo do que essas argumentações, é a atitude dos protagonistas do festejo de se reconhecerem negros, que cultuam santos da igreja católica, imprimindo na devoção elementos



afro-brasileiros, como a dança, o toque dos tambores e as letras de músicas que representam positivamente o negro.

## **Considerações Finais**

Este trabalho se propôs a investigar expressões de religiosidades afro-brasileira na Amazônia Amapaense, para isso investigou em uma manifestação cultural e religiosa ligada a população afrodescendente do Estado Amapá, conhecida como Ciclo do Marabaixo.

Verificou-se que o Amapá, antigo território dos índios Tucujus, é um Estado relativamente novo enquanto unidade federativa, porém, traz um legado de mais de dois séculos de história. Nesse período, o território foi palco de encontro de europeus, africanos e índios, que mediante seus contatos, conflitos e delimitação de suas fronteiras, forjaram o edifício social do Estado.

O festejo do Ciclo do Marabaixo realizado em Macapá por reunir momentos lúdicos e religiosos como parte de um só ritual, não depende do aval da igreja para acontecer e imprimir, na devoção elementos afro-brasileiros, como o tambor, a dança, entre outros, configura-se como expressão de catolicismo negro na Amazônia Amapaense.

Diante disso, quando os agentes do Marabaixo se dizem católicos, não estão usando a religião como máscara ou um disfarce, muito menos estão errados por não mencionarem que tocam tambores, dançam e eventualmente presenciarem performances de possessão. Tais eventos estão inseridos na crença e na prática do catolicismo negro que praticam.

Assim, o Ciclo do Marabaixo que acontece na Amazônia Amapaense, especificamente na cidade de Macapá, configura-se como expressão de religiosidade afro-católica de parte da população, sobretudo, daqueles que reconhecem ter uma ascendência africana.

## **Referências**

ANTERO, Alysson Brabo. Ciclo do Marabaixo: uma das expressões da religiosidade afrodescendente no Amapá. In. 1º Simpósio Sudeste da ABHR / 1º Simpósio Internacional da ABHR. **Anais**. São Paulo, 2013. v. 1. p. 581-592.



\_\_\_\_\_. Religiosidades do Amapá: entre o Catolicismo e as Religiões Afro-brasileiras. **Revista Terceira Margem Amazônia**, Manaus; v. 2, p. 87-98, 2017.

AMAPÁ. **Portal do Governo do Estado do Amapá**. Disponível em <<http://www.ap.gov.br/amapa/site/paginas/historia/indios.jsp>>. Acessado em 14 nov. 2013.

BOYER, Véronique. Passado Português, presente negro e indivisibilidade ameríndia. O caso de Mazagão Velho, Amapá. **Religião e Sociedade**, Rio de Janeiro; v. 28, n. 2, p. 11-29, 2008.

CANTO, Fernando. **A Água Benta e o Diabo**. Macapá-AP: Fundação Cultural do Amapá – FUNDECAP, 1998.

CORDOVIL, Daniela. Religiões de matriz Africana do Pará. Entre a política e o ritual. **Parallelus**, Campinas, n. 5, p. 59-73, 2012.

CROATO, José Severino. A descrição do símbolo. In.\_\_\_\_\_. **As linguagens da experiência religiosa: uma introdução à fenomenologia da religião**. Tradução de Carlos Maria Vásques Guttiérrez. 3º ed. São Paulo: Paulinas, 2010, p. 81-124.

IBGE – INSTITUTO BRASILEIRO DE GEOGRAFIA E ESTATÍSTICA, 2010. **Censo Demográfico, 2010**. Disponível em <<https://cidades.ibge.gov.br/brasil/ap/pesquisa/23/22107>>. Acessado em: 02 mar. 2015.

\_\_\_\_\_. **População estimativa 2017**. Disponível em: <<https://cidades.ibge.gov.br/brasil/ap/panorama>> Acessado em 29 set. 2017.

JACKSON, Alci. **A Cultura Negra no Amapá: história, tradição e políticas públicas**. Macapá-AP: Editora Lê Arte, 2014.

LIMA, Wanda da Silva Ferreira, **Ciclo do Marabaixo: permanência e inovações de uma festa cultural**. 2011. Dissertação (Mestrado em História) – Universidade Presbiteriana Mackenzie, São Paulo, 2011.

LUNA, Verônica Xavier. **Entre o Porteau e o Volante: africanos redesenhando a Vila de São José de Macapá – 1840-1856**. Dissertação (Mestrado em História do Brasil). Universidade Federal do Piauí, Teresinha-PI, 2009.

AZEVEDO, Thomé (roteiro e direção). **Marabaixo: ciclo de amor, fé e esperança** (documentário). Prefeitura Municipal de Macapá, Amapá. 2008. CD-ROM.

MONTORIL, Nilson. **Maracima, Marabaixo: de ladrão em ladrão a saga de uma nação**. Macapá-AP: Confraria Tucujú, 2004.



OLIVEIRA, Anderson Machado de. **Devoção Negra: santos preto e catequese no Brasil Colonial**. Rio de Janeiro: FAPERJ, 2008.

\_\_\_\_\_. Santos Preto e Santos de Preto: os Carmelitas e os Pretos Minas no Rio de Janeiro setecentista. In. HUFF JÚNIOR, Arnaldo Érico e RODRIGUES, Elisa (org.) **Experiências e interpretações do sagrado: interfaces entre saberes acadêmicos e religiosos**. São Paulo: Paulinas, 2012.

PEREIRA, Nunes. **Shairé e Marabaixo: Tradições da Amazônia**. Recife: Massagana, 1989.

PEREIRA, Decleoma Lobato. **O Candomblé no Amapá: história, memória, imigração e hibridismo cultural**. 2008. Dissertação (Mestrado em História Social) – Universidade Federal do Pará, Belém-PA, 2008.

REINALDO, Lucilene. Irmandades e devoções de africanos e crioulos na Bahia setecentista. Histórias e experiências atlânticas. In. **Stockholm Review of Latin American Studies**, Estocolmo, 2009.

SALLES, Vicente. **O negro no Pará: sob regime da escravidão**. Rio de Janeiro: Fundação Getúlio Vargas, Serv. de Publicação [e] Univ. Federal do Pará, 1971.

SANTOS, Fernando Rodrigues dos. **História do Amapá**. 2 ed. Macapá-AP: Valcan, 1994.

SOARES, Marcelo André e RODRIGUES, Maria Emília Brito. **Amapá: vivendo a nossa história**. História Regional, 5º ano. Curitiba-PR. Base Editorial, 2011.

SOUZA, Marina de Mello e. Batalhas rituais centro-africanas e o catolicismo negro no Brasil. In. HUFF JÚNIOR, Arnaldo Érico e RODRIGUES, Elisa (org.). **Experiências e interpretações do sagrado: interfaces entre saberes acadêmicos e religiosos**. São Paulo. Paulinas, 2012.

\_\_\_\_\_. Catolicismo Negro no Brasil: santos e minkisi, uma reflexão sobre miscigenação cultural. **Afro-Ásia**. 28 (2002), p. 125-146.

\_\_\_\_\_. Reis do Congo no Brasil, século XVIII e XIX. **Revista de História**, São Paulo, n. 152 p. 79-98, 2005.

TURNER, Victor. Os símbolos no ritual Ndembu. In. \_\_\_\_\_. **Florestas de símbolo: aspectos do ritual Ndembu**. Tradução Paulo Gabriel H. da Rocha Pinto. Niterói-RJ: Editora da Universidade Federal Fluminense, 2005. p. 49-68.

VIDEIRA, Piedade Lino. **Marabaixo: dança Afrodescendente, significando a identidade étnica do negro amapaense**. Fortaleza: Edições UFC, 2009.



**MARUPIARA**

REVISTA CIENTÍFICA DO CENTRO DE ESTUDOS  
SUPERIORES DE PARINTINS

\_\_\_\_\_. **Batuques, Folias e Ladainhas:** a cultura do quilombo do Curiaú em Macapá e sua educação. Fortaleza: Edições UFC, 2013.

Trabalho recebido em 23/12/2017

Aprovado em 05/07/2018